

O Desporto de Competição como meio de educação

Uma proposta metodológica construtivista
aplicada ao treinamento de jovens tenistas

Carlos Adelar Abaide Balbinotti*

O presente estudo, situado claramente na área da pedagogia do desporto, pretende elaborar uma proposta metodológica construtivista aplicado ao treinamento de jovens tenistas de competição.

Como procedimento da investigação, adotamos uma abordagem teórico especulativa, entendendo como tal a conjugação de argumentos lógico-dedutivos de interpretação, para, então, propor um conjunto de princípios metodológicos para o desenvolvimento de programas de treino desportivo referenciado à prática do tênis.

O trabalho é dividido em duas partes fundamentais: primeiramente apresentaremos um quadro de referências teóricas, onde propomos discutir sobre as concepções do desporto e sua possibilidade de intervenção pedagógica a partir das principais vertentes filosóficas que se expressam nas concepções clássicas sobre a corporalidade. Tais vertentes filosóficas se evidenciam principalmente nas relações dualistas entre corpo e mente ou corpo e alma agindo como fatores de integração e unificação; em seguida, abordamos os principais aspectos da cultura física que se configuram como categorias estruturais do desporto. Vamos enfatizar sobre a natureza lúdica do jogo, a competição e a prestação desportiva como pressuposto ético inerente à pedagogia do desporto; e, também, o treino desportivo enquanto projeto de educação e formação de crianças e jovens. Posto isso, trataremos de

caracterizar os principais modelos de intervenção pedagógica no âmbito do desporto: o Reprodutivista-tradicional e o Construtivista.

Num segundo momento, utilizando o tênis enquanto modalidade desportiva de referência, daremos ênfase às questões específicas de nossa proposta pedagógica: a metodologia Reprodutivista-tradicional, concepção pedagógica usual no desporto de rendimento, modelo que consideramos de cunho tecnicista e reducionista, o que nos impõe a necessidade de uma leitura crítica; e a metodologia Construtivista, onde trataremos de apresentar nossa proposta, ou seja, os princípios gerais que possibilitam ao treinamento desportivo de competição tornar-se um importante instrumento de intervenção pedagógica.

1. CORPORALIDADE E DESPORTO

As concepções dualistas sobre a corporalidade apresentam como diretriz determinante a hierarquização entre corpo e alma. Platão (In: Morgan e Meier, 1988), cuja obra ao longo do tempo configura-se como paradigma das concepções dualistas, em *Fedon*, no diálogo entre Sócrates e Simmias sobre a presença da morte, refere:

“... agora diga-me Simmias, seria o resultado de tudo aquilo que falamos, que a alma mais parece o divino, o imortal, o inteligível, o uniforme, o indissolúvel e o imutável; enquanto que o corpo é mais parecido ao humano, o

mortal, o ininteligível, o multiforme, o dissolúvel, e o mutável? Teríamos outro argumento para apresentar que não seja este, meu caro Simmias?

... Não temos”.

Na concepção dos filósofos clássicos, fica evidente que a alma representa para o dualismo clássico a essência do homem. O corpo morre, o corpo desaparece; enquanto que a alma resiste, é imortal.

Descartes (In: Morgan e Meier, 1988), no século XII, sustentou que alma e corpo eram entidades separadas. Afirmou o filósofo:

“Ao iniciar esta análise, reconheço uma grande diferença em que o corpo pela sua natureza é sempre divisível, enquanto a mente é sempre indivisível”.

O corpo representa uma espécie de parte não pensante da natureza humana; ao contrário da alma, que seria justamente a parte que pensa.

Ressaltando a importância dessas concepções filosóficas, Rintala (1991) ao abordar a questão sobre a natureza do fenômeno desportivo, questiona:

“Em Educação Física, o objeto de nosso estudo é o comprometimento humano nas atividades de movimento, o jogo, o brinquedo, o desporto, a dança e os exercícios físicos; todavia, haverá outra maneira de interpretá-lo que não através do dualismo clássico”?

Essa questão nos remete ao objetivo central desta seção, ou seja, o de procurar outras formas para interpretar a natureza do desporto. A compreensão da natureza do desporto, a partir exclusivamente dessas concepções filosóficas tradicionais, significa dar ênfase à mente como estrutura central da compreensão do homem. Ao negarmos tal posicionamento, não significa que defendemos a adoção de modelos epistemológicos empiristas para o estudo do desporto. O que pretendemos demonstrar é que somente um modelo de análise capaz de interpretar adequadamente a relação dialética entre o ideal e o factual no âmbito da prática desportiva será capaz de possibilitar a compreensão do real significado do desporto. Vejamos um exemplo: um atleta, ao longo de uma competição, executa uma quantidade de gestos sofisticados, com alto grau de dificuldade, jogadas de alta velocidade com controle

e precisão. Se esta é a essência do esporte, como descrever e interpretar a natureza do desporto sem considerar, no plano da construção do conhecimento, categorias advindas de ações práticas como essas? Como definir significado ao desporto e ao homem que o pratica, sem considerar a expressão de sua corporalidade manifesta na capacidade de prestação desportiva? Como julgar o desporto enquanto prática de intervenção pedagógica, sem definir adequadamente suas categorias reais e concretas? Enfim, como valorizar uma pedagogia do desporto no âmbito de concepções teóricas que desconsideram as qualidades intrínsecas da corporalidade humana?

Gensemer,¹ observa que:

“... a mente pode ser educada através do exercício físico, e o movimento pode ser uma expressão de coisas que a mente já sabe. Dessa maneira, os movimentos oportunizam as pessoas distintos comportamentos, desenvolvimentos e experiências educacionais por intermédio da ação corporal: a informação vai para a mente a partir do corpo e a mente reverte a transmissão da informação apreendida para o corpo para diretamente melhorar sua performance física. (...) a mente e o corpo são um time trabalhando juntos em plena harmonia, um assumindo o outro”.

2. A CORPORALIDADE NAS CONCEPÇÕES NÃO-DUALISTAS

Gabriel Marcel (1988) confere à corporalidade a seguinte interpretação:

“Eu não uso meu corpo, eu sou meu corpo. Se eu sou meu corpo, somente significa que meu corpo é um objeto de real interesse para mim, não tenho nada que possa conferir no meu corpo uma real prioridade em relação a outros objetos”.

Como se pode observar, o autor não considera o corpo como instrumento da alma. Sendo assim, a interpretação sobre a natureza do desporto passa a ser referenciada à unicidade, e, através do gesto desportivo, o ser humano faz-se presente no mundo enquanto totalidade. A experiência do movimento como um todo é decisivo para o autodesenvolvimento com o objetivo da autoperfeição através do esforço e da determinação que, evidentemente, deve ser voluntário; nunca imposto por outro. Essa luta da perfeição atlética tem aqui o caráter da rejeição da inércia em favor do trabalho em si, em busca de um “eu” melhor.²

O processo de valorização do corpo, tal como referimos, é evidenciado em vários autores. Paul Weiss (In: Morgan e Meier, 1988), por exemplo, em seu ensaio sob o título *O desafio do corpo*, assim se expressa:

“Nós, aqui e agora, vivemos é o corpo (...) não interessa o que nós contemplamos ou o quão passivos nos tornamos, continuamos a funcionar em uma pluralidade de meios corporais (...) Este fato é suficiente para considerar o corpo seriamente em qualquer tentativa de compreensão da natureza do homem, sem que isso requeira que nós suponhamos que um homem é somente um corpo”.

Um bom treinador entende que o corpo oferece um desafio para uma pessoa que almeja a excelência de performance através da ação da corporalidade. O desafio das altas performances através do desporto de rendimento oportuniza ao atleta a possibilidade de experienciar seu corpo, voluntariamente, através de múltiplas manifestações de criatividade. Desse modo, o desporto proporciona a oportunidade para que se possa atingir a máxima expressão da corporalidade.

3. SOBRE A NATUREZA DO DESPORTO

Os principais aspectos da cultura física que se configuram como categorias estruturais para a compreensão da natureza do desporto, ao nosso ver, são: a natureza do jogo; a capacidade de prestação desportiva; o desporto como estilo de vida.

A natureza do jogo configura-se como uma atividade inteiramente livre, voltada para si mesma, proporcionando aos intervenientes o intenso prazer da liberdade de criação e construção. No entanto, cabe destacar que nossa preocupação centra-se numa forma específica de jogo (o desporto), que muitos críticos apontam como uma atividade de “reexploração do trabalho”. Não obstante, esquecem esses mesmos críticos que o próprio Huizinga (In: Morgan e Meier, 1988) caracteriza o jogo como uma atividade baseada em quadro repetitivo de certos gestos básicos, atos regulamentados, e de determinados objetivos que envolvem o indivíduo na busca de contínuos desafios. Essa atitude envolve, necessariamente, uma importante capacidade criativa que de modo algum pode ser considerada como desprovida de sentido lúdico. Nessa perspectiva, Caillois (In:

Morgan e Meier, 1988) classifica em jogos desportivos aqueles que buscam um rendimento de performance pressupondo determinadas condições para o seu desempenho.

Portanto, pretendemos enfatizar a relevância de interpretar o desporto como forma de jogo; contrapondo afirmações como: “objeto de manipulação da classe dominante”, “favorece a adaptação do ser humano aos ditames do mundo técnico”, “reprime o movimento natural e institucionaliza a artificialidade”, que são claramente destituídas de uma análise sociológica e histórica adequadas.

A competição como categoria central do desporto tem no significado original da palavra, segundo Hyland (In: Morgan e Meier, 1988), *com-petitio*: questionar juntos, esforçar-se juntos. Observa o autor:

“Imediatamente observamos que de acordo com o significado original da palavra, competição não é de forma alguma conectada a alienação; pelo contrário, é facilmente ligada a possibilidade de amizade. É um questionamento de cada um juntos, um empenhar-se juntos, presumivelmente, cada participante deve alcançar um nível de excelência que não poderia ter alcançado sozinho, sem um esforço mútuo, sem a competição”.³

Evidentemente, que não significa um projeto comunitário onde as pessoas tentam coletivamente passar em um teste, mas um contexto onde aparecem as diferenças na direção da excelência. Esse teste de vigor atlético é uma forma do atleta se autoconhecer e desenvolver a criatividade em inúmeras oportunidades de intensa concentração. Todas as potencialidades são requeridas com o objetivo de auto-superação e, por conseguinte, de superação sobre o adversário. Grupe (1988) salienta que, “a luta pela realização atlética é a busca da perfeição humana, onde o triunfo sobre o adversário ou o estabelecimento de recordes são de importância secundária”. Dessa forma, o desporto oferece solidariedade e integração mesmo para além dos limites naturais. Como se pode facilmente verificar no âmbito da comunidade desportiva, independente das exigências específicas de cada uma das diversas modalidades, os desportistas se identificam como membros de uma família.

Como refere Bento (In: Câmara Municipal de Oeiras, s/d), no desporto

“(...) podemos encontrar e cultivar os valores

da corporalidade, da condição física e saúde, (...) do rendimento, do empenhamento, da persistência, da ação, da dificuldade de realização, da tensão, do dramatismo e da aventura, é um espaço de expressão, de estética, de impressões e experimentações, de comunicação, de cooperação e intenção”.

Portanto, reconhecendo todos esses aspectos referentes à vida cotidiana dos desportistas, torna-se evidente o fato de que o desporto proporciona um conjunto de valores que vai muito além dos aspectos físico, técnico e tático. Na verdade, é um estilo de vida comprometido com uma proposta de objetivos a cumprir; distante da indiferença e do funcionalismo medíocre e passivo.

4. POR UMA PEDAGOGIA CONSTRUTIVISTA DO DESPORTO

As principais tendências pedagógicas que se expressam no âmbito da educação formal podemos denominar e definir operacionalmente como Reprodutista-tradicional e Construtivista.

Por modelo Reprodutivista-tradicional identificamos as concepções que, referenciadas filosoficamente no dualismo clássico, manifestam-se, essencialmente, através da dicotomização e hierarquização entre educação intelectual e corporal pela concepção de estratégias operacionais diferenciadas para duas formas de intervenção pedagógica. Tal modelo prioriza as capacidades intelectuais situando-as como primeiro e mais relevante objetivo na formação do homem. Seus procedimentos didáticos enfatizam processos normativos que visam a uma rígida disciplina, como posturas predefinidas, atitude de passividade, imobilidade, etc.

A tônica dessa concepção educativa é uma exposição de conhecimentos por parte do professor dirigidas a educandos ouvintes e passivos, bem comportados e estáticos. Paulo Freire (1980), assim o caracteriza: “...o educador aparece como seu indiscutível agente, como o ser real sujeito, cuja tarefa indeclinável é encher os educandos com os conteúdos de sua narração”.

Portanto, entendemos, a partir desses princípios, que há uma redução da ação dos indivíduos com a finalidade de ajustá-la ao

mundo. Esse educador autoritário reprime o poder de criar dos alunos, propondo, dessa forma, a apropriação passiva de um conhecimento empacotado.⁴

No âmbito do treino desportivo, o atleta se transforma num paciente que recebe ordens e executa, repetidamente, movimentos técnicos estereotipados com os quais tem poucas oportunidades para reagir. Como refere Foucault: (1986)

“(...) de uma massa informe, de um corpo inapto, faz-se a máquina que se precisa; corrigem-se aos poucos as posturas, lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhora dele, dobra o conjunto, torna-o perfeitamente disponível, e se prolonga em silêncio no automatismo dos hábitos”.

Portanto, de acordo com o que foi referido, essa concepção educativa enfatiza o dualismo, à medida que privilegia a mente através de várias disciplinas intelectuais e secundariza o corpo nas atividades físicas expressadas em repetidos gestos motores.

Por modelo construtivista consideramos as concepções que, referenciadas sobre uma matriz filosófica não dualista, pressupõe estratégias de intervenção pedagógica manifestas através da integração entre educação intelectual e corporal e de um conceito de autoconstrução, ou seja, o processo de elaboração do conhecimento a partir da participação e intervenção ativa do indivíduo em todas as atividades de aprendizagem.

Todavia, a complexidade do processo para a construção do conhecimento exige do professor que exerça o papel de agente estimulador dessas relações de interação. Dessa forma, o indivíduo assimila do meio aqueles aspectos que são determinantes para a sua autoconstrução.

Os pilares de nossa orientação pode ser delineado a partir de alguns constructos da teoria piagetiana, onde o autor considera que, ao nível do conhecimento, o indivíduo, na relação com seu meio ambiente, vai construindo o seu desenvolvimento.

Piaget destaca:

“É difícil não falar muito quando se questiona uma criança, sobretudo se se é pedagogo! É tão difícil, principalmente, evitar ao mesmo tempo a sistematização devido às idéias pre-

concebidas e a incoerência devido à ausência de qualquer hipótese diretriz! O bom experimentador deve ter, com efeito, duas qualidades freqüentemente incompatíveis; saber observar, isto é, deixar a criança falar, nada tolher, nada desviar, e ao mesmo tempo saber procurar algo de preciso... uma teoria... para controlar”.

Nessa perspectiva, o indivíduo é um ser ativo; não um receptor passivo. O papel do professor, então, deve ser o de oportunizar a experiência adequada à criança, encorajando a curiosidade e a procura de opções autônomas.

5. O TÊNIS INFANTO-JUVENIL: METODOLOGIA REPRODUTIVISTA-TRADICIONAL

Entendemos por modelo Reprodutivista-tradicional de treinamento as formas usuais que privilegiam a ação corporal através de repetições de gestos motores estereotipados e mecanizados. Vamos discorrer sobre suas principais características referentes aos programas de treinamento físico, técnico e tático.

No treino físico, a descrição de todo o trabalho é feito a partir de testes de esforço máximo, sendo o indivíduo obrigado a trabalhar no limite de suas capacidades. A razão para a determinação da intensidade e do volume são definidas exclusivamente a partir de dados adquiridos em laboratórios de esforço, o que, na concepção desses treinadores, assegura a total validade dos procedimentos.

Já o treino técnico tem por finalidade desenvolver as capacidades de prestação desportiva no que se refere a eficiência na realização dos gestos técnicos desportivos, possibilitando as condições para que o atleta possa atingir elevados níveis de rendimento.

Zakharov (1992) sugere:

“No processo de repetição múltipla, a ação motora se torna habitual para o desportista, não exigindo atenção e se efetuando automaticamente. Passo a passo, essas ações atingem a precisão necessária e fases inteiras e partes da ação estudada se repetem sem alterações e, finalmente, todo o sistema de movimento poderá ser executado automaticamente”.

Nessa perspectiva, o desportista simplesmente deixa de pensar, e inicia um processo de repetições múltiplas em busca do aperfeiçoamento.

Só é levado em consideração o domínio da tarefa motora.

No que diz respeito aos aspectos táticos, o treinador faz uma avaliação das características do seu atleta e estabelece uma forma fixa de atuação, de acordo, exclusivamente, com sua leitura da realidade. O atleta torna-se mais um agente passivo e sem condições de intervir no processo. No caso de ocorrerem insucessos, estes são atribuídos a má execução das tarefas ou por falta de empenho do atleta nos treinamentos ou nas competições. Assim, as ações são programadas com base nas determinações do treinador.

6. O MÉTODO REPRODUTIVISTA-TRADICIONAL: PERSPECTIVAS E LIMITAÇÕES

O rendimento atlético, dentro dessa perspectiva de treinamento, é uma realidade que em nenhum momento negamos em nosso trabalho. O processo de repetições desempenha um papel indiscutível na busca do rendimento. Contudo, não entendemos que esta seja a forma mais adequada para a formação de um indivíduo que procura no rendimento desportivo uma forma de vida. Portanto, algumas críticas se fazem necessárias. Meimberg (In: Bento e Marques, s/d) sugere algumas ações fundamentais:

“O treinador deve respeitar sempre a criança, não pode transformá-la em bola do jogo dos seus desejos e suas fantasias de sucesso. Não deverá nunca sobrecarregar o atleta e sim construí-lo progressivamente”.

Bento (1991) observa que, infelizmente, não faltam situações de manipulação do corpo no desporto:

“Orientado para a finalidade de produzir rendimento, o sistema do desporto conduziu a que o desportista perdesse a sua posição de sujeito, e se transformasse em objeto, num produto visível, mensurável e valorável, determinou que seu corpo se convertesse em instrumento de apresentação de rendimento do sistema. E a isso chamaremos racionalidade objetiva, tecnocracia pura”.

Esse desporto é prisioneiro da política ideológica, seja qual for o poder dominante, pois está vinculado a uma ideologia da sociedade industrial, onde o que interessa é o produto, ou seja, o resultado do investimento. Para tanto, é preciso que se reflita sobre essa prática peda-

gógica que, temos certeza, será repensada pelos que acreditam na pedagogia do desporto de rendimento como uma possibilidade de educação global do indivíduo.

7. O TÊNIS INFANTO-JUVENIL: A METODOLOGIA CONSTRUTIVISTA

Os princípios gerais que orientam o treinamento desportivo de competição, tornando-o um importante instrumento de intervenção pedagógica, apresentaremos como referência nas categorias infanto-juvenis (até 18 anos). Discorreremos sobre como se pode configurar uma abordagem educativa no âmbito da metodologia de treinamento do tênis de competição. Inicialmente, vamos destacar alguns princípios básicos da nossa concepção educativa: a) a educação através do esporte é um processo autoconstrutivo, ou seja, é um processo pelo qual o atleta é um agente ativo e co-participante; b) a educação através do treinamento do desporto competitivo é um processo em que se procura, pelo conhecimento, as propriedades universais nas formas específicas de vida; c) a educação através do treino desportivo deve ser contínua e persistente no decorrer de toda a vida do indivíduo.

Assumindo esses pressupostos orientadores, apresentamos nossa proposta através da organização da estrutura básica do treino subdividida em três partes: o treinamento físico, o treinamento técnico geral, e o treinamento estratégico-tático.

Embora, reconhecendo que as complexas estruturas do tênis de competição não se reduzem a esses fatores, o que procuramos caracterizar são, fundamentalmente, as formas educativas das componentes básicas de qualquer concepção de treinamento.

8. O PROCESSO DE AUTOCONSTRUÇÃO

O trabalho educativo no processo de autoconstrução relacionado à preparação física desenvolve-se no sentido da busca gradativa do rendimento das qualidades físicas, em que o atleta não deve limitar-se exclusivamente a executar exercícios de forma sistemática; deve, isso sim, preocupar-se com a adequada com-

preensão dos objetivos de cada exercício. Deve conhecer suas conseqüências quando mal-executados, quais os exercícios preventivos de lesões e aqueles que aumentam a força, a resistência, a velocidade, a flexibilidade, e outras qualidades físicas. Dessa forma, entendemos que o atleta, para além de adquirir o desenvolvimento da performance, assimila a natureza, o objetivo e as conseqüências de sua atividade desportiva.

O trabalho do educador, na perspectiva de autoconstrução do educando, referente ao treinamento técnico, é o de iniciar o atleta no exercício, mostrar-lhe a forma correta de executar, explicar toda a natureza do exercício, a compreensão dos resultados e a relação da quantidade com os objetivos para atingir a qualidade. Huizinga (In: Morgan e Meier, 1988) referia-se aos elementos de repetição e alternância como o fio e a tessitura do objeto. Da mesma forma, Meusel (1991) ressalta a contribuição que uma habilidade motora adequadamente organizada traz para a qualidade de vida do indivíduo quando o atleta é estimulado a co-participar na elaboração criativa dos exercícios. Portanto, nesse modelo de intervenção pedagógica, o atleta dá início à prática dos exercícios de forma claramente orientada para a compreensão do processo e, então, inicia o caminho de sua autonomia.

Com referência ao treinamento estratégico-tático, o processo de autoconstrução do educando constitui-se, fundamentalmente, de uma série de movimentações em quadra que simulam situações reais de jogo. O elemento final da ação reside no resultado propriamente dito, sem relação direta com o que se segue. O resultado da competição é em si mesmo indiferente. Konzag (1991) observa que o praticante, antes de decidir sobre a solução que considera a melhor, vai, primeiramente, percorrer mentalmente diferentes alternativas de solução, sendo que o faça em intervalo de tempo curto.

Portanto, nesse contexto, nosso compromisso é de oportunizar ao educando a opção da tomada de decisão, sem nenhuma espécie de pressão através de conselhos ou fórmulas prontas de resoluções de problemas por parte do treinador. Esse processo educativo deve dar prioridade às decisões dos atletas, independentes dos resultados advindos das mesmas.

9. AS PROPRIEDADES UNIVERSAIS NAS FORMAS ESPECÍFICAS DE VIDA

Essa capacidade dos exercícios de, dada uma certa quantidade, através de certos objetivos, transformar-se em qualidade, denominamos de “propriedades universais”.

Na verdade, não é um fenômeno do tênis. São fenômenos reais que dizem respeito a processos existenciais, inclusive fora do desporto. Uma pessoa pode tornar-se um escritor, escrevendo todos os dias e buscando certos objetivos. Nesse sentido, se orientarmos esse atleta no sentido de um trabalho sistemático na compreensão adequada e gradativa da forma de treinamento, entendemos que se estará educando esse mesmo indivíduo, tendo em vista universais a partir dessa forma de vida particular e específica que é o tênis de competição.

A função principal desse treinamento na relação com a preparação física é a busca do rendimento das qualidades físicas necessárias para a melhor performance desportiva. No entanto, entendemos que essas aptidões físicas devem estar presentes com o objetivo de dar melhor qualidade de vida ao indivíduo em qualquer atividade que exerce. Matvéiev (1986) observa que o aumento do potencial do organismo é adquirido através de exercícios próximos do limite de suas capacidades funcionais. Obviamente, que não estamos tratando de cargas excessivas de trabalho, claramente superadas nessa proposta educacional.

Assim, através de uma proposta de rendimento atlético desportivo, podemos oportunizar uma melhor qualidade de vida as mais diversas opções do indivíduo. As regras metodológicas gerais decorrem dos princípios de acessibilidade e sistematicidade que buscam a promoção da saúde.

Na perspectiva da formação técnica geral, a principal função é a de dar condições ao atleta de dominar a ação motora desportiva. Durante o ensino, verifica-se a necessidade de um processo de repetições múltiplas para que essas ações possam atingir a precisão necessária. No entanto, entendemos que cada atleta deve procurar a medida adequada para seu próprio desenvolvimento. A função do treinador, entretanto, é a de oportunizar as mais diversas

experiências criativas do movimento por parte do atleta e de estar sempre disponível para procurar auxiliar nas indecisões que por ventura apareçam.

No treinamento estratégico-tático, a competição exerce um papel importante no processo de formação. Os efeitos ideológicos dos resultados normalmente causam, no adulto, uma preocupação exacerbada. Na realidade, a competição, em si mesma, não tem, para as crianças, a mesma significação que para os adultos. O desporto é uma normatização das atividades que permitem que os indivíduos participem das atividades em situação de igualdade.

As capacidades táticas estão ainda submetidas a outros tipos de exigências: pluralidades das condições que vão influenciar as decisões, mudanças contínuas das decisões em que é necessário decidir, alternância frequente de escolhas seguras e escolhas arriscadas, e, principalmente, a necessidade de efetuar escolhas durante a execução das próprias ações motoras, mesmo sob influxo de fortes pressões emocionais, de cargas físicas e emocionais elevadas em jogos de longa duração.

Como podemos perceber, essas questões estão presentes nas mais diversas formas de vida, dentro e fora do desporto. Dessa forma, entendemos que uma boa orientação, nesse sentido, poderá auxiliar esse indivíduo em várias situações no decorrer de sua vida.

10. A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DO DESPORTO AO LONGO DA VIDA

A função pedagógica do desporto ao longo da vida, como terceiro princípio orientador do modelo de intervenção pedagógica construtivista, requer uma estrutura diferenciada de exposição por itens que até então viemos desenvolvendo. Esse processo se expressa, ao nosso ver, na síntese de todos os fatores que constituem a estrutura do treino. Além dos aspectos físicos, técnicos e estratégicos, também consideramos os aspectos sociais e psicológicos relativos ao papel da competição na relação com a vida lúdica da criança.

O processo de autoconstrução educativa e este ato de procurar o universal no particular também são adequados ao nível

do desporto em uma fase peculiar da vida. Obviamente, à medida que o indivíduo vai passando às diversas fases existenciais, o desporto vai ocupando papéis e funções diversas nesse processo, que poderá acompanhá-lo até o final de sua vida. De acordo com Bento (In: Bento e Marques, 1989), o princípio fundamental do desporto de rendimento é que o desporto está a serviço da educação da criança que, por sua vez, tem o direito de desenvolver suas aptidões apoiadas pela sociedade. Marques (1991) salienta que o educador deve, não só permitir que se desenvolva o talento desportivo, como também assegurar o desenvolvimento multilateral de sua personalidade. Percebe-se que, nesse momento, estão envolvidas as questões sociais, econômicas, éticas, políticas e ideológicas da mesma forma que em outros setores da vida. É esse indivíduo que saberá o valor da autodeterminação na busca do autoaperfeiçoamento e do desenvolvimento pessoal.

Portanto, nessa proposta, a criança participa intensamente das decisões de todo o sistema de treinamento num contexto de relações solidárias diante da perspectiva de performance. Seu espaço está livre para atingir progressivamente sua autonomia. O treinamento desportivo de competição para crianças é uma realidade social e cultural que, enquanto pedagogos do desporto, temos a responsabilidade de assumi-lo plenamente. Assim, finalizando as considerações que fizemos sobre os três princípios, a saber: o da autoconstrução, o conhecimento do universal através de uma forma particular de vida e o respeito à história das fases educacionais do indivíduo, entendemos que esses axiomas são perfeitamente satisfeitos dentro de uma concepção educativa que utiliza o desporto como instrumento de formação do indivíduo.

11. CONCLUSÃO

Considerando os métodos pedagógicos que o treinamento para tenistas de competição infanto-juvenis pode assumir — Reprodutivista-tradicional e Construtivista —, métodos que tiveram origem em duas distintas correntes filosóficas e educacionais, e de uma compreensão dos principais aspectos que caracterizam a natureza do desporto, deduz-se que a

segunda está perfeitamente em harmonia com uma postura realmente educativa. O pedagogo do desporto tem o compromisso moral de assumir a responsabilidade de orientação de milhares de crianças que encontram no desporto uma forma de vida. Para tal:

(a) O pedagogo do desporto aproveita-se dessa atividade, das exigências de performance expressas na corporalidade dos atletas, para cumprir seus objetivos educativos; não com o propósito de modelar um campeão robotizado.

(b) O pedagogo do desporto observa o atleta, não apenas como mero executante de gestos motores adestrados em processo de aperfeiçoamento. O treinador se configura como um orientador do ensino, um estimulador do crescimento pessoal dos atletas para que possam ser vencedores nas quadras e ao longo de sua vida pessoal.

(c) O pedagogo do desporto abandona o modelo autoritário de transmissão do saber que reproduz um conhecimento estático, assumindo um papel de co-participação nas atividades, utilizando-se de técnicas co-participativas, a fim de estimular a participação dos atletas como agentes de sua própria educação.

Portanto, desse modo, rompe-se com a unilateralidade de interpretação do desporto de rendimento como um fenômeno mecanicista, alienante e discriminador. Desfaz-se os dualismos e dicotomias entre o lúdico e o rendimento desportivo. Além disso, desmistifica-se a competição como algo desagregador e perverso. Enfim, supera-se o equívoco de que o desporto em sua expressão de rendimento da performance para a competição é, necessariamente, incompatível com a educação e formação de crianças e jovens.

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO, J. O. *Desporto, saúde, vida: Em defesa do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1991. p.30.
- BENTO, J. O. À Procura de Referências para uma Ética do Desporto. In: BENTO, J. O. e MARQUES, A. ed. *Desporto, ética e sociedade*. Actas do Fórum Desporto, Ética, Sociedade. 1989, cap.2, p. 23-39.

- BENTO, J. O. Novas Motivações, Modelos e Conceções para a prática Desportiva. In: Câmara Municipal de Oeiras. *O desporto no século XXI: Novos desafios*. Oeiras, s/d.
- CAILLOIS, R. The Structure and Classification of Games. In: MORGAN, W. J. e MEIER, K. V. eds. *Philosophic inquiry in sport*. Champaign: Human Kinetics, 1988, cap.2, p.7.
- DESCARTES, R. The Real Distinction between the Mind and Body of Man. In: MORGAN, W. e MEIER, K. (eds.) *Philosophic inquiry in sport*. Illinois, Human Kinetics, 1988, cap.10, p.86.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir. História das violências nas prisões*. 4. ed. Petrópolis; Vozes, 1986, p.86.
- FREIRE, P. *A pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p.65.
- GOULART, I. B. Op. Cit. 1987; p.139.
- GRUPE, O. *O desporto de alto nível ainda tem futuro? Uma tentativa de definição*. Lisboa, Ministério da Educação. 1988. p.4.
- HYLAND, D. A. Competition and Friendship. In: MORGAN, W. T. e MEIER, K. V. eds. *Philosophic inquiry in sport*. Champaign: Human Kinetics, 1988, cap.25, p.232.
- HUIZINGA, J. The Nature of Play. In: MORGAN, W. J. e MEIER, K. V. eds. *Philosophic inquiry in sport*. Champaign: Human Kinetics. 1988.
- KONZAG, I. A Formação Técnico-tática nos jogos Desportivos. *Treino desportivo*, n.19, mar. 1991. p.27-37.
- MARCEL, G. If I Am My Body. In: MORGAN, W. T. e MEIER, K. V. eds. *Philosophic inquiry in sport*. Champaign: Human Kinetics, 1988, cap.14, p.107.
- MARQUES, A. A Especialização Precoce na Preparação Desportiva. *Treino desportivo*. Lisboa, n. 19, p. 9-15, mar 1991.
- MATVÉIEV, L. *Fundamentos do treino desportivo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
- MEINBERG, E. Para uma Nova Ética do Desporto. In: BENTO, J. O. e MARQUES, A. T. Ed. *Desporto, ética e sociedade*. Actas do fórum Desporto, Ética, Sociedade. cap. 6; p. 69-76.
- MEUSEL, H. Sport Activity, Healthy Development, Successfull Ageing. *International Journal of Physical Education*. Schorndorf, vol. 28, n.2, p.12, abr-jun 1991.
- PLATÃO. The Separation of Body and Soul. In: MORGAN, W. e MEIER, K. (eds) *Philosophic inquiry in sport*. Illinois, Human Kinetics, 1988, cap. 9, p.81.
- RINTALA, J. The Mind-Body Revisited. *Quest*. Champaign: Human Kinetics, Dec. 1991, vol.43, n.3 p. 261.
- WEISS, P. The Challenge of the Body. In: MORGAN, W. T. e MEIER, K. V. eds. *Philosophic inquiry in sport*. Champaign: Human Kinetics, 1988, cap.11, p.89.
- ZAKHAROV, A. *Ciência do treinamento desportivo*. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1992; p.34.

NOTA

¹ Apud RINTALA, J. *Ibdém*, p. 260.

² Essa idéia é desenvolvida por Grupe, em sua obra intitulada *O desporto de alto nível ainda tem futuro? Uma tentativa de definição*, onde o autor refere que, na prática desportiva, cada atitude, cada gesto técnico é realizado para otimizar a capacidade de prestação atlética que necessariamente exige decisões complexas que se expressam numa ação corporal mediada pela própria dinâmica da competição.

³ Parece-nos evidente que, se retirássemos a relevância da competição da história do desporto, certamente este não teria atingido os níveis de excelência que se atingem no mundo contemporâneo.

⁴ É importante ressaltar, neste contexto, que os trabalhos de Paulo Freire ocupam-se, principalmente, com a educação de adultos.

UNITERMOS

Pedagogia do desporto, treino desportivo, ténis.

**Carlos A. A. Balbinotti é mestre em Ciências do Movimento Humano pela ESEF/UFRGS.*